

GÊNERO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: AS MULHERES NA HISTÓRIA DA ESCOLA CENTRO EDUCACIONAL LANDULFO CARIBÉ EM JEQUIÉ – BAHIA

Thais Jesus Bastos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Claudia de Faria Barbosa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: É fato que as mulheres estão à frente nos postos de trabalho dos profissionais da educação, mas nem sempre foi assim. Nesse sentido, o presente artigo parte de uma pesquisa de viés bibliográfico e documental, que teve por objetivos analisar de que forma as mulheres participaram do processo de fundação da escola Centro Educacional Landulfo Caribé, localizada no município de Jequié, no estado da Bahia, mais especificamente, descrever a trajetória de inserção da mulher no espaço escolar brasileiro e compreender de que forma a análise da participação delas no processo de fundação da citada instituição contribui para formação e atuação de educadores. Para tanto, prossegue os estudos das autoras sobre a história e memórias da escola Centro Educacional Landulfo Caribé, outras referências em leituras de livros e artigos científicos que abordam sobre a temática. Esta investigação permitiu perceber a necessidade de trabalhar temas de gênero na atuação e na formação continuada de professores, pois, é notório que ainda persiste na sociedade a invisibilidade do papel da mulher no ambiente escolar e principalmente no meio social. Dessa forma, a partir da inserção da temática relações de gênero no meio educacional, pode-se contribuir para a desconstrução de estigmas em torno do papel das mulheres na educação.

Palavras chave: Escola. Formação de professores. Gênero.

Introdução

A partir do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *História e Memórias da Escola Centro Educacional Landulfo Caribé*¹, surgiu o interesse pela pesquisa Gênero e formação de professores: as mulheres na história da escola Centro Educacional Landulfo Caribé em Jequié –Bahia.

No referido trabalho foi reconstruída a história da instituição Centro Educacional Landulfo Caribé (CELC). Por meio das reminiscências dos sujeitos que participaram do

¹ A referida escola fica localizada, no Distrito de Florestal, município de Jequié, interior do Estado da Bahia. O Distrito de Florestal fica a 32 km da sede de Jequié, situado em uma região identificada como zona da mata. Trata-se do maior distrito deste município, pois, de acordo com o IBGE (2010), possui 3.836 habitantes. O Trabalho de Conclusão de Curso mencionado contou com pesquisas no acervo da escola, do museu histórico municipal e com entrevistas semiestruturadas com 28 colaboradoras/es, sendo eles, moradoras/es da localidade investigada, ex-funcionárias/os, ex-professoras/es e ex-alunas/os da escola.

processo de fundação da instituição, foi realizada a reunião de fatos, o registro e assim a conservação da memória e da história do CELC. Entretanto, após a realização do registro da história do CELC nota-se que os papéis de destaque dessa instituição foram de homens e que poucas vezes as mulheres foram citadas, ficando o protagonismo apenas nas personalidades masculinas.

Deste modo, considera-se que problematizar as relações de gênero é um tema atual e necessário para a formação e atuação de educadores, pois como aponta a Lei n. 9.394 (BRASIL, 1996): “Art. 1º, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996). Portanto, a educação que vai além da escola abrange as reflexões pedagógicas, pois trata-se de uma questão de ação e de intervenção social para a promoção da equidade de gênero. Para tanto, levanta-se a seguinte indagação: de que forma as mulheres participaram do processo de fundação da escola Centro Educacional Landulfo Caribé?

Com isso, o presente artigo tem como principal objetivo analisar de que forma as mulheres participaram do processo de fundação da escola Centro Educacional Landulfo Caribé, com base no Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia: *História e Memórias da Escola Centro Educacional Landulfo Caribé*, de Bastos (2019). E, especificamente, buscou-se: descrever, brevemente, a trajetória de inserção da mulher no espaço escolar na história da educação brasileira; identificar quais os lugares/funções ocupavam as mulheres durante o processo de fundação da escola Centro Educacional Landulfo Caribé; e compreender de que forma a participação das mulheres no processo de fundação desta escola contribui para a formação e atuação de professores.

Esta pesquisa social de natureza básica, teve como principal meta a busca pelo saber (CERVO; BERVIAN, 2002), foi desenvolvida com base em uma metodologia de abordagem qualitativa, conforme Minayo (2002):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21 e 22).



Do ponto de vista dos objetivos, esta pesquisa assume o caráter exploratório (GIL, 1996; DENCKER, 2000) e em relação ao ponto de vista dos procedimentos técnicos trata-se de uma pesquisa de viés bibliográfico e documental (GIL, 1999).

Ao almejar-se analisar de que forma as mulheres participaram do processo de fundação do CELC realizou-se estudos bibliográficos e documentais. Analisou-se o arquivo documental *História e memórias da escola Centro Educacional Landulfo Caribé*, de Bastos (2019), tendo a memória coletiva dos indivíduos entrevistados como instrumentos de mediação para observar onde estavam as mulheres durante todo o processo de constituição da escola. E para além disso, foram realizadas leituras de livros e artigos científicos que abordam a temática estudada, possibilitando problematizações, reflexões e interpretações da realidade.

Com a intenção de analisar de que forma as mulheres participaram do processo de fundação da escola Centro Educacional Landulfo Caribé, o desenvolvimento deste artigo dividiu-se em três subitens: No primeiro descreve-se a trajetória no Brasil de inserção das mulheres no ambiente escolar; no segundo subitem aborda-se a análise dos lugares ocupados pelas mulheres na história de fundação da instituição investigada e, no último subitem, discute-se como a análise da participação das mulheres na história da fundação da mencionada escola pode contribuir para a formação e atuação de educadores e, por fim, faz-se as considerações finais da pesquisa.

1. Um olhar para a história e as memórias: as mulheres na fundação da Escola Centro Educacional Landulfo Caribé

1.1 Como as mulheres foram inseridas no espaço escolar brasileiro

Primeiramente, é preciso entender a partir de que momento e como as mulheres foram inseridas no ambiente escolar no Brasil, enquanto estudantes e como profissionais de educação. Conforme Dotta e Tomazoni (2015), no período colonial surgiram as primeiras escolas brasileiras, aproximadamente em 1549, o ensino era de responsabilidade dos padres jesuítas, a educação era privilégio da elite e apenas as pessoas do sexo masculino tinham direito de frequentar a escola neste período.

Segundo Dotta e Tomazoni (2015), no Brasil Colônia as mulheres não tinham direito a escolarização, poucas conseguiam ser escolarizadas em casa ou por intermédio da catequese, pois estavam designadas aos lares, às famílias, aos trabalhos domésticos e aos casamentos. Dessa maneira, eram excluídas do acesso à educação formal no espaço escolar. Apenas a partir



PPG

GOVERNO DO ESTADO

das reformas realizadas no Brasil pelo Marquês de Pombal ocorreu a permissão do acesso das meninas nas escolas, entretanto, o ensino era separado por sexo. Conforme Stamatto (2002, p. 3), “com Pombal, ao menos oficialmente, as meninas entram na escola e abre-se um mercado de trabalho para as mulheres: o magistério público”, pois com a separação do ensino fazia-se necessário professoras para as classes de meninas. Como aponta Dotta e Tomazoni (2015), estas professoras deveriam ser honestas e ajuizadas para manter a moral e os bons costumes.

No período Imperial, após a declaração da independência do Brasil foi implantada a primeira legislação específica sobre ensino primário, a Lei Geral de 15 de outubro (BRASIL, 1827), por meio desta lei foi determinado pela primeira vez as aulas regulares para as meninas, porém elas não estudavam todas as disciplinas que os meninos, a educação era distinta para os sexos, ou seja, o currículo era diferenciado.

As matérias consideradas mais racionais como geometria, filosofia, matemática, não constavam na grade da educação feminina, pois havia o entendimento de que a capacidade cognitiva de homens e mulheres era diferente, sendo este um dos argumentos para a educação separada (DOTTA, 2015, p. 29172).

Enquanto a figura masculina recebia uma educação voltada para disciplinas ditas mais racionais, a figura feminina era educada a assuntos relacionados ao lar, como por exemplo: bordado e costura. Dessa forma, Dotta e Tomazoni (2015) apontam que as professoras não precisavam ter muitos conhecimentos para lecionar em turmas femininas, pois, em aritmética, por exemplo, apenas era necessário ensinar as quatro operações. Apesar disso, havia a impossibilidade de arranjar mulheres que apresentassem o mínimo de preparo e, quando se encontrava mulheres que tivesse algum conhecimento das letras e números, podiam não ser aceitas se não tivessem habilidades com a agulha. Com isso, eram raras as escolas para meninas, estima-se que no ano de 1832 em todo o país não tinha sequer vinte escolas femininas.

Além da educação recebida pelos homens e mulheres, havia distinção também no mercado de trabalho. Louro (2004) evidencia que embora perante a lei fosse assegurado salários iguais, entre os professores e as professoras existia diferenciação, pois a diferença curricular das turmas de meninos e meninas representava distinção no valor salarial dos professores. Logo, os homens recebiam salários mais altos devido as suas turmas terem mais alunos e disciplinas a serem lecionadas.

De acordo com Louro (2004), em meados do século XIX foram criadas as primeiras escolas normais que visava a formação de professores para atuar na educação brasileira, ela

destaca que estas instituições permitia o ensino para ambos os sexos, porém com a exigência de que moças e rapazes estudassem em classes diferentes. Com o processo de urbanização e industrialização, houve uma ampliação de oportunidades de trabalho para os homens e, logo, muitos abandonaram as salas de aula e introduziram em profissões que permitiam desenvolver novas carreiras. Dessa maneira, este movimento deu origem a feminização do magistério.

Com o aumento gradual da figura feminina na rede pública de ensino e a diminuição da presença masculina para lecionar nas séries primárias surge a necessidade de criação das turmas mistas.

Passaram a ser instaladas no Brasil a partir de 1870. Mais ou menos a partir desta data, apareceram nas províncias as escolas públicas mistas. As professoras recebiam autorização para lecionar aos meninos até uma determinada idade, geralmente entre 12 a 14 anos (STAMATTO, 2002, p. 7).

Então, a partir desta época reforça-se no imaginário social a ideia de que a mulher teria uma vocação natural para o magistério. De acordo com Louro (2004, p. 471), o magistério primário passou a ser “demarcado como um lugar de mulher e os cursos normais representavam, na maioria dos estados brasileiros, a meta mais alta dos estudos a que uma jovem poderia pretender”. Entretanto, cargos de direção e inspeção de ensino continuavam apenas ao alcance dos homens, pois apesar das mulheres desempenharem as funções de ensino que antes era exercida exclusivamente por homens, a elas não eram permitidas exercer cargos de lideranças.

1.2 As mulheres na história do Centro Educacional Landolfo Caribé

No tocante a história das mulheres, a invisibilidade feminina é socialmente construída e atravessa séculos. A dominação masculina se impôs durante anos e se encontra permeada nos discursos e atitudes dos sujeitos. Bourdieu (2005) apresenta sobre essa hierarquia o conceito de “dominação simbólica”, a qual configura-se através da dominação masculina sobre as mulheres, de modo que elas não percebam, pois desde o nascimento foram educadas para a submissão. Louro (2004) destaca que, para compreensão da história da inserção feminina na escola, é preciso pensar também nas relações de gênero, pois:

As representações do masculino e do feminino, os lugares sociais previstos para cada um deles são integrantes do processo histórico. Gênero, entendido como uma construção social, e articulada à classe, etnia, religião, idade, determinou (e determina) algumas posições de sujeito que as mulheres professoras ocuparam (e ocupam). Discursos carregados de sentido sobre os gêneros explicaram (e explicam) como as mulheres e homens constituíram (e constituem) suas subjetividades, e é também no interior e em referência a tais



PPG

GOVERNO DO ESTADO

discursos que elas e eles constroem suas práticas sociais (LOURO, 2004, p. 478).

Mediante essas considerações, compreende-se que as relações de gênero são construídas historicamente. Saffioti (1986) expõe que a construção da identidade social das mulheres é atribuída aos distintos papéis desempenhados entre a categoria masculina e feminina. Segundo ela, “a sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTI, 1986, p. 8). Logo, por meio das condutas impostas vislumbra a desigualdade de papéis sociais entre homens e mulheres.

Outro aspecto de relevância são as interpretações sobre a divisão sexual do trabalho ao longo da história das instituições educativas. Alves (2013, p. 286) chama atenção sobre como as “bases históricas trazem explicações a respeito dos fundamentos legitimadores da desigualdade entre os sexos, quando ‘desnaturalizam’ o que é considerado ‘natural’”. A autora mostra como foram construídos historicamente “os princípios de separação entre homens e mulheres, o que é evidenciado no movimento de separação do lugar do trabalho produtivo na família para a fábrica, decorrente do processo de industrialização” (ALVES, 2013, p. 286). Da mesma forma, na escola, sobretudo no Centro Educacional Landulfo Caribé, quando se constata que as professoras exerciam o papel de trabalhadoras invisíveis e de menor valor.

Ao analisar o documento *História e memórias da escola Centro Educacional Landulfo Caribé*, de Bastos (2019) ficou perceptível a invisibilidade do papel feminino no espaço social, demonstrando a reprodução de papéis estereotipados e a invisibilidade dos trabalhos das mulheres na escola. Eram os homens que ensinavam nas séries mais avançadas, administravam a escola, elegiam-se vereadores e prefeitos, conforme consta na história oficial do município na época de fundação da escola. E as mulheres pouco foram mencionadas e, quando citadas, desempenhavam papéis de coadjuvantes aos homens, jamais eram tidas como protagonistas.

Através do depoimento de uma das colaboradoras sobre como era o agrupamento de sua turma, observa-se em seu relato indícios dos papéis desempenhados por ela enquanto professora do CELC e dos seus colegas de trabalho.

Cada professor tinha trinta alunos [...] muita criança mesmo [...] aí no caso os que iam passando por 2º ano ia pro professor Hildo ou Luiz [...], não [...], eu ensinava primeira série, segunda série junto, cartilha e ABC aquele bolo, porque não tinha vários professores, então tinha que bolar quatro, três, quatro classes em uma só [...] em uma sala só [...] turma [...] e aí quando ia passando



PPG

GOVERNO DO ESTADO

para terceiro ano ia pra sala de Luiz e de Luiz ia pra Hildo (Depoimento da colaboradora 12 *apud* BASTOS, 2019, p. 47).

Percebe-se pelo comentário da colaboradora que lecionava na primeira e segunda série, e nas séries posteriores o ensino era de responsabilidade dos homens. Assim, constata-se a existência da demarcação de divisão sexual do trabalho também na docência. A questão que se destaca nessa abordagem é justamente a invisibilidade das mulheres na escola, porque existiam as professoras, mas se restringiam ao ensino inicial. “Um olhar atento perceberá que a história das mulheres nas salas de aula é constituída e constituinte de relações de poder” (LOURO, 2004, p. 478). Portanto, historicamente as mulheres recebiam (recebem) visibilidade diferenciada dos seus papéis sociais em detrimento dos homens.

Mas as mulheres participaram da história de fundação da escola Centro Educacional Landulfo Caribé? É evidente que sim, porém, devido as relações de gênero elas eram invisibilizadas nas percepções e, conseqüentemente, apagadas das memórias dos colaboradores que tentam lembrar para contar a história, como é evidenciado inclusive nas falas das próprias mulheres.

De acordo com Bastos (2019), o processo de fundação do CELC data entre os anos de 1953 a 1985.

A história da escola Centro Educacional Landulfo Caribé começa antes da sua construção e traz consigo não apenas a sua história como também a da localidade na qual está inserida. A partir do surgimento da comunidade de Florestal foi traçado um caminho propício para o desenvolvimento da educação, no qual se construiu algumas escolas e, posteriormente, acarretou a construção da atual escola conhecida popularmente por Landulfo Caribé (BASTOS, 2019, p. 34).

Ao analisar o documento, Bastos (2019) constata que durante este processo as mulheres estavam presentes, tanto desempenhando o papel de professoras dos anos iniciais e também sendo alunas da escola. Um fato de destaque foi que o primeiro profissional de educação contratado para lecionar em Florestal foi uma mulher, como se demonstra no relato de um dos colaboradores: “primeira professora lá de Florestal que a gente encontrou pra poder servir, porque ninguém queria ir por causa da dificuldade, foi Zair Almeida” (Depoimento do colaborador 19 *apud* BASTOS, 2019, p. 34). Ela lecionou durante um curto período pois, por se tratar de uma localidade rural com difícil acesso à cidade de Jequié - Bahia naquela época, ela teve que ficar hospedada na casa dos moradores do povoado. Devido às dificuldades para trabalhar naquela localidade ela pediu para ser substituída, então o prefeito da época contratou um novo professor, Hildenfor dos Reis Rodrigues, dando continuidade no processo de

escolarização dos moradores de Florestal, ele foi um dos protagonistas do processo de fundação da escola por causa das suas múltiplas ações desenvolvidas para a criação da escola pesquisada.

Contudo, examinado a pesquisa “*História e memórias da escola Centro Educacional Landulfo Caribé*”, de Bastos (2019) aponta que a participação das mulheres na história dessa escola ocorreu, porém, seus papéis eram demarcados socialmente e poucas vezes eram destaques nos acontecimentos históricos rememorados, revelando como a sociedade delimita os homens como superiores e merecedores de serem lembrados.

1.3 Contribuições para formação e atuação docente

Com o intuito de compreender de que forma a participação das mulheres no processo de fundação do CELC contribui para formação e atuação docente, sobretudo na formação continuada, faz-se necessário discutir a importância da formação de professores atrelada a questões de gênero e sobre as possibilidades de abordagem desta temática durante seu processo formativo e na sua atuação em sala de aula.

Durante o processo de formação das/os profissionais de educação existe a necessidade de desenvolver por meio de estudos, reflexões e discussões com pensamento crítico com a finalidade de proporcionar mecanismos para estimular a autonomia e desenvolver a identidade profissional com equidade.

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1992, p.13).

O aprimoramento profissional das/os docentes é crucial para o desenvolvimento docente enquanto pessoa educadora, nesse sentido, McBride (1989 *apud* NÓVOA, 1992, p.18) pontua que um dos desafios para a formação de professores “consiste em conceber a escola como um ambiente educativo, onde trabalhar e formar não sejam atividades distintas. A formação deve ser encarada como um processo permanente, integrado no dia-a-dia dos professores e das escolas”, desse modo, evidencia-se a importância da formação continuada para a manutenção e crescimento formativo das/os docentes.

Libâneo (2004, p. 227) define formação continuada como a ampliação da formação inicial, “visando o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional”. Partindo da relevância da formação continuada e da necessidade de que esteja articulada no seio escolar é necessário a promoção de espaços de diálogos entre os professores com a perspectiva de repensar suas práticas para aprimorá-las.

Com isso, acrescenta-se que uma formação e atuação pedagógica que aborda e discute sobre relações de gênero é essencial, pois, como evidencia Louro (1997, p. 89), “a escola é *atravessada pelos gêneros*; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino”. Dessa maneira, a abordagem e discussão de relações de gênero possibilita aos sujeitos questionarem a respeito do que é imposto como “normal” pela sociedade e do que não é, pois por meio dessas representações construídas socialmente são determinados papéis sociais tanto para as mulheres como para os homens. E, por meio de estudos e reflexões é possível perceber que o papel que cada indivíduo desempenha na sociedade é constituído por meio de relações de poder. Portanto, como salienta Dotta e Tomazoni (2015, p. 29184) “é necessário equilibrar as relações de gênero a fim de construir uma sociedade materialmente democrática”.

Conseqüentemente, ao analisar como as mulheres participaram na história da fundação da escola Centro Educacional Landolfo Caribé possibilita pensar como as mulheres são abordadas na história da sociedade para refletir de que maneira as/os profissionais da educação podem desconstruir as visões de inferioridade erigidas acerca da figura feminina ao longo dos tempos. Ou seja, buscar deslumbrar por meio de projetos pedagógicos e intervenções, diálogos que proporcionem o repensar das relações de gênero impostas na sociedade, dessa forma, conhecer o passado permite não apenas perceber o tensionamento existente, mas lutar por mudanças nas relações desiguais entre mulheres e homens, com isso promover a equidade de gênero.

Como propostas pedagógicas para trabalhar com o tema relações de gênero no ambiente escolar, Moreira (2015) apresenta as seguintes sugestões: que se comemore algumas datas simbólicas, como por exemplo: o dia 08 de março - Dia Internacional da Mulher para além de uma visão romântica e romantizada. Propõe também a realização de oficinas; em seu texto, ela descreve passo a passo, oito propostas de oficinas com a temática de relações de gênero, todas com base “em procedimentos dialógicos e participativos, tendo como estratégia central a roda de conversa, podendo ser recriadas no contexto singular de cada escola” (MOREIRA, 2015, p. 28). Logo, as sugestões descritas em Moreira (2015) são possibilidades de ações que podem ser

desenvolvidas tanto no processo formativo das/os professoras/es como em sala de aula com as/os alunas/os.

Considerações Finais

O presente estudo analisou de que forma as mulheres participaram do processo de fundação do CELC, através do arquivo documental *História e memórias da escola Centro Educacional Landulfo Caribé*, de Bastos (2019) como fonte de análise e, a partir daí chamar atenção para a necessidade de inserção de conteúdos que tratam sobre a equidade de gênero nas escolas. Ademais, foram realizadas leituras de livros e artigos científicos que tinham como categorias: história das mulheres na educação, relações de gênero e formação continuada de professores.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa analisou-se as representações construídas socialmente sobre as mulheres no contexto educacional brasileiro, com isso, possibilitou perceber que para as mulheres terem visibilidade quanto suas atribuições sociais e que consigam conquistar espaços em lugares que antes apenas os homens ocupavam é necessário trabalhar a temática de relações de gênero em sala de aula, para assim desconstruir a visão de inferioridade das mulheres. Para isso, necessita-se começar pela formação das/os educadoras/es, logo, é preciso promover discussões de relações de gênero durante seu processo formativo, como também capacitá-las/os para pôr em prática nas aulas. Pois, na cultura ainda está enraizado o pensamento de que as mulheres são inferiores aos homens. Isso foi constatado a partir da fundação da escola que elas foram invisibilizadas e poucas vezes mencionadas pelas/os colaboradoras/es que participaram da investigação de Bastos (2019). Existe, portanto, a necessidade de envolver temas como este nos currículos de formação de professores.

A tensão se reproduz nos significados masculinos e femininos relacionados ao magistério. As comprovações históricas contribuem com um legado cultural que se reproduz e mantém a organização da identidade docente de modo contraditório e indireto ao conservar comportamentos de reprodução. Somente pela educação é que se pode, de forma mais segura, provocar a ruptura de modelos tradicionais e enfrentar os desafios e tensões vividas por professoras e professores.

Portanto, este artigo contribui para as/os profissionais da educação repensar suas práticas em sala de aula, tendo em vista refletir sobre as questões de gênero que estão presentes no cotidiano da escola, mas que na maioria das vezes não são discutidas e abordadas no planejamento escolar. Desse modo, busca-se incluir nos processos de formação continuada



das/os professoras/es disciplinas curriculares e momentos de formação e oficinas, com diálogos e reflexões sobre relações de gênero, contribuindo assim na promoção de espaços de abertura para pensamentos e conceitos sobre a história das mulheres no ambiente escolar, acarretando problematizações, reflexões e interpretações da realidade.

Referências

- ALVES, Ana Elizabeth Santos. **Divisão Sexual Do Trabalho: A Separação da Produção do Espaço Reprodutivo da Família.** Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 11 n. 2, p. 271-289, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v11n2/a02v11n2.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2020.
- BASTOS, Thais J. **História e memórias da escola Centro Educacional Landulfo Caribé.** Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia - UESB, Jequié - BA: 2019.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20/12/96. **Diário Oficial da União.** Brasília, 1996.
- BRASIL. **Lei Geral, de 15/10/1827.** Lei Geral Imperial. Brasil, 1827. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM-15-10-1827.htm. Acesso em: 01 jul. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Tradução de Maria Helena Kühner. 4ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- DENCKER, Ada de Freitas M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** 4. ed. São Paulo: Futura, 2000.
- DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DOTTA, Alexandre Godoy; TOMAZONI, Larissa Ribeiro. **A condição da mulher no espaço educacional brasileiro: aspectos históricos sociais da trajetória feminina.** Curitiba, PR: Educere XII Congresso Nacional de Educação, 2015.
- GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censos Demográficos 2000 e 2010, 2010.
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão Escolar Teoria e Prática.** 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.



LOURO, Guacira Lopes. As mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOREIRA, Maria I. C. **Diretrizes da Educação para as Relações de Gênero da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Educação, 2015.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>. Acesso em: 16 mar. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1986.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Um olhar na História: a mulher na escola (Brasil:1549-1910)**. Natal: Congresso História e Memória da educação Brasileira, 2002. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0539.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

SOBRE AS AUTORAS

Thais Jesus Bastos

Especialista em Coordenação Pedagógica. Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI- Pós. Graduada em Pedagogia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Atua como Pedagoga da Coordenação de Acessibilidade, Permanência e Ações Afirmativas (COAPA), UESB - campus de Jequié – BA e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias (GEHFTIM/CNPq). E-mail: bastosthais43@gmail.com

Claudia de Faria Barbosa

Doutora em Humanidades (UCSAL), pesquisadora do Grupo e Pesquisas Hermenêuticas sobre Família, Territórios, Identidades e Memória (GEHFTIM/CNPq), professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Centro Universitário UniRuy e colaboradora do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC – UESB). Autora do livro: As mulheres na política local: entre as esferas pública e privada. E-mail: barbosa.claudiadefariabarbosa@gmail.com